

SABINE GOROVITZ E
ENRIQUE HUELVA UNTERNBÄUMEN (ORG.)

POLÍTICAS E TENDÊNCIAS DE INTERNACIONALIZAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR NO BRASIL

EDITORA



UnB

Reitora
Vice-Reitor



Universidade de Brasília

Márcia Abrahão Moura
Enrique Huelva

EDITORA



UnB

Diretora

Germana Henriques Pereira

Conselho editorial

Germana Henriques Pereira (Presidente)
Fernando César Lima Leite
Beatriz Vargas Ramos Gonçalves de Rezende
Carlos José Souza de Alvarenga
Estevão Chaves de Rezende Martins
Flávia Millena Biroli Tokarski
Jorge Madeira Nogueira
Maria Lidia Bueno Fernandes
Rafael Sanzio Araújo dos Anjos
Sely Maria de Souza Costa
Verônica Moreira Amado

SABINE GOROVITZ E
ENRIQUE HUELVA UNTERNBÄUMEN (ORG.)

POLÍTICAS E TENDÊNCIAS DE INTERNACIONALIZAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR NO BRASIL

EDITORA



UnB

**Coordenadora de produção editorial
Preparação e revisão**

Equipe editorial

Luciana Lins Camello Galvão
Jeane Antonio Pedrozo

© 2018 Editora Universidade de Brasília

Direitos exclusivos para esta edição:
Editora Universidade de Brasília
SCS, quadra 2, bloco C, nº 78, edifício OK,
2º andar, CEP 70302-907, Brasília, DF
Telefone: (61) 3035-4200
Site: www.editora.unb.br
E-mail: contatoeditora@unb.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte
desta publicação poderá ser armazenada
ou reproduzida por qualquer meio sem a
autorização por escrito da Editora.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade de Brasília

P769 Políticas e tendências de internacionalização do ensino superior
no Brasil / Sabine Gorovitz e Enrique Huelva Unternbäumen
(org.). - Brasília : Editora Universidade de Brasília, 2021.
284 p. ; 23 cm.

ISBN 978-65-5846-156-2

1. Ensino superior - Internacionalização - Brasil. 2. Educação -
Cooperação internacional. 3. Política linguística. 4. Redes de
cooperação acadêmicas. I. Gorovitz, Sabine (org.). II.
Unternbäumen, Enrique Huelva (org.).

CDU 378

Sumário

Apresentação	9
--------------------	---

PARTE 1

PROCESSOS, POLÍTICAS E PROGRAMAS DE INTERNACIONALIZAÇÃO HOJE

Capítulo 1

A internalização das universidades brasileiras	15
--	----

Heitor Gurgulino de Souza

Universidade da ONU

Capítulo 2

Políticas de Integração e Cooperação Técnica de Internacionalização das Instituições de Ensino Superior — perspectivas Unesco	31
--	----

Maria Rebeca Otero Gomes e Thais Guerra

Unesco

Capítulo 3

Expectativas para o crescimento do Programa MARCA MERCOSUL	45
--	----

Grasiele Reisdörfer

MEC – Programa Marca Mercosul

Capítulo 4

Educação superior brasileira: cenários e reais e possibilidades de cooperação Brasil/Goa/Índia	53
---	----

Marcos Formiga

UnB/Ceam – Núcleo do Futuro

PARTE 2

POLÍTICAS LINGUÍSTICAS EM PROL DA INTERNACIONALIZAÇÃO ACADÊMICA

Capítulo 5

Políticas del lenguaje en el campo de las ciencias y la educación superior en América Latina 73

Rainer Enrique Hamel

Universidad Autónoma Metropolitana – UAM

Capítulo 6

Plurilingüismo Académico: a intercompreensão como prática comunicativa em contexto universitário 101

Angela Erazo Muñoz

Universidade Federal da Paraíba – UFPB

Capítulo 7

A Língua Portuguesa em Goa / Índia: uma breve história e evolução mais recente 117

Aurobindo Xavier

Sociedade Lusófona de Goa – LSG

Capítulo 8

Missões e desafios da Agência Universitária da Francofonia (AUF) 127

Isabela de Cerqueira Silva Ospital

Agência Universitária da Francofonia – AUF

Capítulo 9

Pela diversidade linguística nas universidades: o monolingüismo do inglês em debate 135

Sabine Gorovitz

Universidade de Brasília – UnB

PARTE 3

POLÍTICAS DE INTEGRAÇÃO, REDES E AGÊNCIAS DE COOPERAÇÃO INTERNACIONAL

Capítulo 10

Universidade de Brasília e a Aliança Universitária da Região do Ruhr:
atividades e desafios 147

Stephan Hollensteiner e Fernando Oliveira Paulino

Faculdade de Comunicação – FAC/UnB

Capítulo 11

A cooperação universitária com a Alemanha e o papel do Serviço
Alemão de Intercâmbio Acadêmico (DAAD) 161

Martina Schulze

Deutscher Akademischer Austauschdienst – DAAD

Capítulo 12

Internacionalización en la Organización de los
estados Iberoamericanos 173

Paulo Speller

OEI

Capítulo 13

A Cooperação Acadêmica da União Europeia com o Brasil 183

Claudia Gintersdorfer

União Européia – UE

Capítulo 14

A contribuição dos estudos latino-americanos para a
internacionalização das universidades brasileiras e para a produção
de um conhecimento global 193

Rebecca Lemos Igreja e Simone Rodrigues Pinto

Universidade de Brasília – UnB

PARTE 4

BOAS PRÁTICAS DE INTERNACIONALIZAÇÃO NO BRASIL

Capítulo 15

O processo de internacionalização acadêmica da Unicamp 213

Luís Augusto Barbosa Cortez

Faculdade de Engenharia Agrícola (Feagri)/Unicamp

Capítulo 16

Panorama da cooperação franco-brasileira em matéria de
pesquisa científica e ensino superior 235

Alain Bourdon

Embaixada da França no Brasil

Capítulo 17

Acordos internacionais entre a FAU/UnB e as
universidades estrangeiras 243

Cláudia Estrela Porto

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – FAU/UnB

PARTE 1

PROCESSOS, POLÍTICAS E PROGRAMAS DE INTERNACIONALIZAÇÃO HOJE

CAPÍTULO 1

A internalização das universidades brasileiras

Heitor Gurgulino de Souza¹

Universidade da ONU

Os primeiros cursos superiores no Brasil foram criados por decretos reais: Academia Militar e de Engenharia em 1810, Direito em 1827 e a Escola de Minas de Ouro Preto em 1875, esta com a ajuda de um professor estrangeiro. O Brasil foi colônia de Portugal por 322 anos e os colonizadores não tinham interesse em formar profissionais em nível superior ou nas universidades, pois geralmente estes organizavam os movimentos e núcleos opositores ao poder colonial. Já as colônias da Espanha na América Latina tiveram muitas de suas universidades implantadas ainda nos anos 1500 (cito, como exemplos, a da República Dominicana e a do Peru). No entanto, não devemos nos esquecer que as universidades mais antigas no mundo já têm mais de 900 anos (Bolonha, Paris etc.), porém a educação superior/universitária no Brasil é realmente muito recente.

Apenas quando o Brasil alcançou pouco mais de 30 milhões de habitantes é que foi criada a primeira universidade (do Rio de Janeiro), em 1920, depois denominada: Universidade do Brasil, juntando as

¹ Professor Assistente de Física, Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA) (1951-1957); Professor Emérito de Física, UNESP, Rio Claro, S. Paulo (1958-1986); Reitor, Univ. Federal de São Carlos (1970-1974); Diretor CNPq (1975-1979); Reitor, Univ. das Nações Unidas, Tokyo (1987-1997); Assessor do DG da UNESCO, Paris (1988-1989); Sec Geral, International Association of University Presidents (IAUP) (2011-2014); Presidente da World Academy of Art and Science (WAAS) (2014-2019) e do World University Consortium (WUC).

três faculdades existentes (e independentes) com os cursos de Direito, Engenharia e Medicina (apenas integrados, realmente, naquela universidade, em 1931, no governo Getúlio Vargas). Considera-se, entretanto, que a verdadeira primeira universidade brasileira foi a USP, quando em 1934, o então governador de São Paulo contratou professores estrangeiros para lecionar na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Desde então, a universidade começou realmente a fazer ensino, pesquisa e extensão.

Devido à globalização, a internacionalização é um processo dinâmico que está continuamente evoluindo. Alguns objetivos são destacados para a internacionalização: a educação de um cidadão global; o aumento da capacidade de pesquisa; a geração de renda das taxas/anuidades que pagam os alunos internacionais; e o aumento do prestígio internacional da instituição. Novas formas de internacionalização, como a criação de *campus* no exterior, programas de educação a distância com alcance global, núcleos e redes de educação internacional, agora complementam as iniciativas tradicionais de mobilidade de professores e estudantes, algumas mudanças curriculares e ligações institucionais internacionais para melhorar o ensino e a pesquisa. Observa-se também que novos parceiros institucionais, em particular do setor privado, entraram também em ação.

Embora a “perda de cérebros” (*brain drain*) continue a ser uma séria preocupação em algumas regiões do mundo, alguns países estão usando o aumento da mobilidade dos estudantes para expandir sua capacidade em educação superior.

A internacionalização abarca várias ações importantes, umas mais fáceis outras mais difíceis, mas há consenso, em geral, que engloba hoje as seguintes ações:

- recepção de professores e pesquisadores estrangeiros;
- envio de estudantes brasileiros ao exterior;
- recepção de mais alunos estrangeiros;
- acordos, convênios entre universidades;
- seminários, conferências internacionais;
- ensino de idiomas, oferta de cursos em inglês, “língua franca”;
- currículo internacional (tema mais complexo);
- plano de internacionalização institucional (meta).

Percurso acadêmico e profissional – ITA – USP – Kansas – Rio Claro

A *internacionalização* do ensino superior foi um tema que acompanhei e vivi desde o início de minha carreira acadêmica. Ainda muito jovem, com 22 anos, fui contratado como instrutor de Física, pelo Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA), em São José dos Campos, em 1950. O ITA começou suas atividades com muitos professores vindos do exterior: Estados Unidos, França, Inglaterra, Bélgica, Escócia, China, Índia, e vários professores brasileiros. Dois anos mais tarde, no Departamento de Física do ITA, foi contratado um professor visitante para lecionar “Física do Estado Sólido”, disciplina que se ofereceria pela primeira vez no país. Fui escalado (porque falava inglês) para ajudar o professor em suas aulas, pois ele não falava português. Traduzia as aulas, ajudava nas perguntas e respostas aos alunos, preparava e corrigia os exercícios da matéria e escrevia também as apostilas regularmente distribuídas aos alunos. O professor visitante era Walter Baltensperger, suíço, doutor em Física pelo Federal Institute of Technology, de Zurich (onde foi aluno do Prof. Wolfgang Pauli, Prêmio Nobel de Física).

Não foram só os alunos — futuros Engenheiros do ITA — que ganharam muito com os conhecimentos do professor Walter, ganhei muitíssimo mais com a excelente oportunidade e a valiosa experiência pessoal. Nessa época, viajava de São José dos Campos à São Paulo toda segunda-feira, para ir ao Laboratório do Acelerador Van de Graaf, situado no Departamento de Física da Universidade de São Paulo. O acelerador era liderado pelo famoso professor Oscar Sala, que tinha a colaboração também de um muito bom pesquisador visitante — o prof. Ross A. Douglas (canadense) — com quem fazia meus primeiros trabalhos de pesquisa em física nuclear.

Um acordo/convênio de colaboração já tinha sido assinado entre a USP e a Universidade de Kansas, a qual tinha um acelerador Van de Graaf do mesmo tipo que o da Universidade de São Paulo.

Graças a esse convênio fui convidado a passar um período (ano e meio), no Departamento de Física da Universidade de Kansas e, felizmente, também recebi uma oportuna Bolsa de Estudos da Capes, para passar esse período no exterior.

Regressei em 1956 ao Brasil e ao próprio ITA, onde fui promovido a professor assistente de Física, mas dois anos mais tarde, fui contratado pela Universidade Estadual Paulista (Unesp) para chefiar o Departamento de Física da FFCL, *Campus* de Rio Claro, onde, com dois colegas, montamos os cursos de Matemática e de Física, com excelentes laboratórios (tomando-se como modelo os do ITA) e também uma excelente biblioteca. Nessa faculdade, formamos muitos bons professores dessas disciplinas (e esse trabalho continua até hoje), pois professores de Matemática e Física estavam em falta no Estado de São Paulo e no Brasil. Também organizei, com apoio do CNPq, na então muito jovem Faculdade de Rio Claro, em 1960, o primeiro “Seminário de Física do Estado Sólido”, que foi muito concorrido e contou com professores do Brasil e alguns vindos dos Estados Unidos e da Argentina.

Na OEA – Laspau – Coppe – Elam – Crub /UFSCar

Quando estava ainda em Rio Claro, o reitor da USP convidou-me e indicou meu nome para trabalhar em uma boa experiência internacional — fui, então, para o novo Departamento Científico da OEA (Organização dos Estados Americanos), em Washington, e lá também fui designado para integrar o Comitê de Seleção de Bolsas de Estudo da OEA. Nos sete anos lá passados, concedemos mais de 3.000 bolsas para estudantes da América Latina, para estudar na Europa e nos Estados Unidos e muitos bolsistas vieram estudar no Brasil e em outros países da região. Poucos anos depois, fui convidado e eleito presidente de uma excelente iniciativa — o Programa Laspau, com sede na Universidade de Harvard, em Boston. Centenas de bolsas de estudos foram e são oferecidas, anualmente, para estudo em universidades americanas, sem o pagamento da *tuition* (que aumentou muito nos últimos anos nos Estados Unidos), para estudantes latinos, incluindo muitos do Brasil.

Destaco, brevemente, outros aspectos/benefícios de internacionalização que presenciei no período de trabalho na OEA.

O programa *Exchange of Scientists*, da OEA-NSF, permitiu que levássemos o professor Alberto Luiz Coimbra, organizador da Coppe/UFRJ, para visitar várias universidades e programas de pós-graduação nos Estados Unidos e trouxemos dois professores visitantes (da Universidade de Rice, em Houston, Texas) para lecionar no primeiro curso de Pós-graduação de Engenharia Química, organizado com grande sucesso pelo professor Coimbra, na UFRJ.

A Escola Latino-americana de Física (Elaf) já era bem conhecida quando demos continuidade ao apoio financeiro e, inclusive, trouxemos o professor Richard Feynman — Prêmio Nobel de Física — à escola, o qual ministrou aula no Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas (CBPF) no Rio de Janeiro.

Com o sucesso da Elaf, trabalhamos com o professor Leopold Nachbin, do Instituto de Matemática Aplicada (Impa), na criação da Escola Latino-americana de Matemática (Elam), com matemáticos do México, da Argentina, do Brasil e do Uruguai e alunos selecionados de toda a região, e fizemos a primeira Elam, no IMPA/CNPq, no Brasil.

Esforço idêntico foi feito para as Escolas Latino-americana de Química e de Biologia, que efetivamente foram realizadas.

Com professores da região, e apoio da UFRJ/Coppe, organizou-se em 1967, em Caracas, a Primeira Conferência de Pós-graduação de Engenharia Latino-americana.

O primeiro curso de Engenharia de Materiais do Brasil, organizado pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e com laboratórios excelentes financiados pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), teve alguns professores brasileiros e contou também com professores estrangeiros, pagos pela própria UFSCar e pelo MEC, CNPq e Capes. Também foram enviados vários de nossos jovens professores desse curso para cursos de especialização, mestrado e/ou doutorado nos EUA, Inglaterra, Alemanha, Japão etc.

Atendendo a um pedido do Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras (CRUB) — a UFSCar organizou no Rio de Janeiro, em junho de 1971, com a participação de vários professores estrangeiros, a Primeira Conferência Nacional de Tecnologia da Educação Aplicada ao Ensino Superior (ConTECE). Os anais dessa conferência (três volumes) foram publicados pela UFSCar.

Todos os fatos narrados aqui foram de minha experiência pessoal, e resultado da participação de professores/pesquisadores visitantes dos sistemas de concessão de bolsas de estudo que permitiram a mobilidade de estudantes (no caso, até de minha mobilidade) e a realização

de seminários/conferências com a internacionalização desses eventos. Hoje há muitas organizações que apoiam atividades de internacionalização, como:

Internacionais: a Unesco e outros organismos e agências do sistema ONU, Academic Impact, Banco Mundial, USAID, Programa Fullbright, DAAD, Agência Universitária da Francofonia, JICA, Programa Horizon 2020 da Comunidade Europeia e outras agências (Embaixadas dos diferentes países), Fundações Ford, Rockefeller e outras, International Association of Universities (IAU), International Association of University Presidents (IAUP). A IAU tem um programa de assistência às universidades que queiram avaliar sua internacionalização.

Regionais: BID, OEA, OEI, Laspau², OPAS³, UDUAL⁴, Grupo Coimbra de Universidades Brasileiras (importante programa com a OEA que oferece 670 bolsas de pós-graduação no Brasil para estudantes de países da América Latina fazer, e que, em 2017, lançou também um programa com a Europa).

Nacionais: MEC, Capes, CNPq, Programa Ciência sem Fronteiras (CsF) – Finep, MRE, Faubai (lançou o Guia de Cursos oferecidos em inglês em universidades brasileiras), fundações estaduais de apoio à pesquisa: Fapesp, Faperj, Fapemig e muitas outras, Abruem, Abruc, Andifes, Ubife, Única, além de programas das próprias universidades.

² Academic and Professional Programs for the Americas – Affiliates with Harvard University.

³ Organização Pan-Americana da Saúde.

⁴ Universidade Tecnológica de Buenos Aires.

Estudantes – professores – CsF

Segundo o Inep, o intercâmbio de alunos e professores estrangeiros no país (INEP, 2015) registrou um total de 15.605 em 2015. Os estados com maior número de estudantes em intercâmbio foram: SP – 5.099; PR – 2.132; RJ – 1.333; CE – 1.126; SC – 1.090.

Nesse mesmo período, o número de professores estrangeiros totalizou 4.371, e os estados com maior número foram: SP – 1.240; RJ – 628; PR – 295; DF – 288; MG – 267; BA – 264; RS – 242.

Não podemos esquecer os alunos/professores que foram beneficiados pelo CSF, que enviou mais de 40.000 estudantes do Brasil para um ano acadêmico de 2014-2015, em 2.912 universidades no exterior. As bolsas concedidas incluíram 4.649 estudantes que foram fazer um pós-doutorado; 3.351 foram para um PhD; 775 foram como pesquisadores visitantes; 558 foram fazer o mestrado; 9.680 foram fazer doutorados *sandwich* e 504 professores/pesquisadores visitantes vieram ao Brasil. As áreas prioritárias para a concessão das bolsas do CsF foram para: setor “STEM” (41.681 bolsas), biomédicas e saúde (16.284 bolsas), indústria criativa (8.175), ciências exatas e da terra (7.507), computação e tecnologias da informação (5.731), produção agrícola (3.254) e biotecnologia (2.046). (MCMANUS; NOBRE, 2017)

Os dez países que receberam mais bolsistas CsF foram: Estados Unidos (27.821), Inglaterra (10.736), Canada (7.308), França (7.279), Austrália (7.070), Alemanha (6.595), Espanha (5.024), Itália (3.930), Portugal (3.843) e Irlanda (3.387) e cerca de 9.870 bolsistas foram para outros países (MCMANUS; NOBRE, 2017).

Uma avaliação feita pelos estudantes brasileiros que foram para o exterior concluiu que 97% deles aprovaram essa experiência. Estudos mais

detalhados do Programa CsF, feitos pelo Senado e pela própria Capes e CNPq, destacam vários outros aspectos que merecem ser analisados com mais detalhes, para uma continuação do programa, no futuro.

Destaque é também dado à atuação da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) que concedeu em 2016: 1.162 bolsas de pesquisa para programas de cooperação internacional e assinou 169 Acordos de Cooperação Internacional, com 30 países.

É importante lembrar que o ensino superior no Brasil em 2015 tinha: 195 universidades; 149 centros universitários e 1.980 faculdades. Eram 2.364 instituições (846 nas capitais; e 1.518 no interior) com matrícula total de 8.027.297 alunos; os que foram concluintes somaram 1.150.067; as novas vagas oferecidas foram de 6.142.149; 15.582.238 candidatos; os aprovados em bacharelados somaram 5.516.151 e em licenciatura, 1.471.930; os tecnólogos foram 1.010.142; docentes em exercício totalizavam 388.004; sendo 142.078 doutores; 85.331 mestres e especialistas e 6.571 graduados.

Tabela 1: Panorama da mobilidade estudantil internacional em 2017

(continua)

Instituição	Total de alunos	% de alunos internacionais
USP	(capital e interior) 83.201	4
UNESP (interior)	53.884	2
UFRJ	53.337	2
UnB	49.894	2
UFMG	42.240	1

Tabela 1: Panorama da mobilidade estudantil internacional em 2017

(continuação)

Instituição	Total de alunos	% de alunos internacionais
Unicamp	29.966	3
UNIFESP	23.492	4
UFSCAR	16.556	2
PUC/RJ	15.047	3
UNAM (México)	139.544	5
UBC Canada	51.889	29
NYU	42.081	25
U C Berkeley	34.834	16
McGill Canada	30.911	24
Harvard	19.890	25
Univ. Oxford	19.713	35
Cambridge	18.605	35
Stanford	15.658	22
ITESM (Monterrey)	14.168	15
Univ. Chicago	13.486	24
MIT	11.142	34
Princeton	7.925	23
Univ. Chile	38.079	4

Tabela 1: Panorama da mobilidade estudantil internacional em 2017

(conclusão)

Instituição	Total de alunos	% de alunos internacionais
PUC/Chile	26.188	7
Cal. Tech	2.181	27

Fonte: Mcmanus & Nobre (2017).

Panorama da mobilidade estudantil internacional

As instituições com porcentagem de matrícula de alunos internacionais bastante elevada são: American Univ. de Sharyah (UAE) com 83,7 %; Central University Hungary, 77,4%; London School of Economics, UK, 70%; Royal College of Surgeons e Ireland, 62,3%; Univ. of Luxembourg, 54,8%; Ecole Polytechnique e Lausanne, 54,2%; Imperial College London, 52,2%; City University e London, 49,2%; ETH Zurich, 37%. Nas universidades da Ásia e Austrália, os números e as porcentagens são bastante elevados.

Tabela 2: Universidades da Ásia e Austrália:
número e porcentagem de alunos internacionais

(continua)

Instituição	Número de alunos	% alunos internacionais
Univ. of Sidney	42.678	29
Univ. of Melbourne	42.273	37
Univ. Singapore	31.111	32
U. Western Austr	20.777	27

Tabela 2: Universidades da Ásia e Austrália:
número e porcentagem de alunos internacionais

(conclusão)

Instituição	Número de alunos	% alunos internacionais
University of Hong Kong	20.095	39
Chinese Univ./ Hong Kong	18.433	27
Australian Nat. Univ.	15.402	35
Hong Kong Univ. S&T	11.960	38
Univ. of Macau	8.981	33

Fonte: MCMANUS & NOBRE (2017).

Finalmente, destaca-se um grupo homogêneo, de universidades do Japão e outros países, que tem porcentagens maiores que o Brasil, porém menores que os da Ásia e Austrália.

Tabela 3: Universidades do Japão e outros países da Ásia:
número e % de alunos internacionais

(continua)

Instituição	Número de alunos	% alunos internacionais
Peking Univ.	42.977	15
Tsinghua/China	41.537	10
Taiwan Nat.Univ.	31.501	8
Univ. Tokyo	27.377	9,2

Tabela 3: Universidades do Japão e outros países da Ásia:
número e % de alunos internacionais

(conclusão)

Instituição	Número de alunos	% alunos internacionais
Seoul Nat. Univ.	26.777	11
Univ. of Kyushu	18.846	7,9
Univ. Tsukuba	16.471	9,5
Univ. of Nagoya	15.871	9,8
Tokyo Inst. of Technol.	9.812	10
KAIST/Korea	9.327	9

Fonte: MCMANUS & NOBRE (2017).

Alguns dados interessantes de alguns países: em 2015/2016, os Estados Unidos receberam 1.043.839 estudantes estrangeiros em suas universidades e enviaram 313.415 estudantes americanos para estudar no exterior.

A China enviou 328.549 estudantes para os Estados Unidos, seguida da Índia, Coréia do Sul, Canadá, Taiwan, Arábia Saudita e Japão. Por sua vez, a China recebeu mais que 400.000 estudantes do exterior em 2016. Calcula-se que foi de US\$ 35.8 bilhões de dólares a contribuição dos alunos internacionais para a economia do país em 2015.

Em 2016, a Austrália recebeu um total de 695.690 estudantes estrangeiros em suas universidades (a receita das anuidades dos alunos foi o oitavo item na balança de ingressos do país).

A Rússia conta atualmente com 200.000 estudantes e quer aumentar para 310.000 até 2019 e alcançar 710.000 em 2025. O Japão tem atualmente cerca de 160.000 estudantes internacionais nas universidades do país e a sua meta é receber 300.000 estudantes, antes de 2025.

Esses números mostram um crescimento de estudantes internacionais em vários países do mundo nos dias de hoje e, sem dúvidas, o Brasil promoveu um crescimento substancial do número de estudantes internacionais nas nossas universidades, aumentou o número de professores/pesquisadores visitantes e continua a enviar muitos estudantes brasileiros ao exterior. Há que superar os desafios da língua de ensino (além do português); dedicar mais recursos orçamentários à área, aumentar a motivação das instituições para o setor etc. Deve-se ampliar bastante a oferta de cursos em inglês. A Faubai publicou recentemente uma relação de instituições e universidades brasileiras que já oferecem cursos em inglês (e outros idiomas).

Currículo internacional é um tema complexo e cada universidade deverá trabalhar tendo em vista o contexto local e buscar parceiros internacionais em áreas prioritárias. Por exemplo, em uma capital de país como Brasília, convidar as embaixadas para fazer uma apresentação do seu país e região, mencionando os desafios enfrentados e as ações utilizadas para a solução dos mesmos. Aspectos econômicos (exportação/importação), sociais — a educação — situação do emprego/desemprego no país; meio ambiente; ciência e tecnologia; inovação e incentivos etc.). A atuação dos organismos internacionais poderá ser analisada, bem como os itens principais que podem gerar conflitos e a cooperação multinacional etc.

Plano de internacionalização deve ser preparado pelas universidades, para definir prioridades, busca e alocação de recursos, identificar professores e pesquisadores a atrair; assinar acordos e convênios com universidades do exterior. Projetos conjuntos de ensino e pesquisa devem ser preparados, e promovidas as publicações conjuntas de trabalhos de pesquisa etc. O corpo docente de cada instituição envolvida certamente identificará áreas para o desenvolvimento de projetos.

United Nations University (UNU)

Criada pela ONU, em 1972, a UNU começou a funcionar em Tokyo, em 1975, como uma verdadeira universidade internacional, para realizar pesquisas voltadas à solução dos grandes desafios e problemas da humanidade. A sede foi escolhida para ser no Japão porque o governo japonês, generosamente, contribuiu com cem milhões de dólares para o Fundo Patrimonial da UNU, construiu a sua bela sede definitiva (que custou 120 milhões de dólares), que está localizada em excelente local e criou um Instituto Avançado de Pesquisa (UNU-IAS) em Tokyo. A Reitoria da UNU fica no Japão, mas ela tem quatro Unidades de Operação (USA, Japão, Malásia e Alemanha) e uma importante rede de 16 institutos e programas de pesquisa e treinamento, localizados em 13 países diferentes. A UNU empregava 725 profissionais (38% de países em desenvolvimento) e seu orçamento para 2016 foi de US\$ 117. 600.000.

Nesse último ano, a UNU desenvolveu 207 projetos de pesquisa (52% deles em países em desenvolvimento) que envolviam 114 internos e 252 bolsistas (84% de países em desenvolvimento), dos quais 46% eram mulheres e 3.154 pessoas no total participaram de seus cursos de treinamento. A internacionalização é a base de funcionamento da universidade.

Referência

McManus, Concepta; NOBRE, Carlos. *Brazilian Scientific Mobility Program — Science without Borders — Preliminary Results and Perspectives*. An Acad. Bras. Cienc., 2017, 89 (1 Suppl.).

A internacionalização das universidades é inevitável, e as instituições começam a implementar suas políticas e estratégias, influenciadas pelas dinâmicas acadêmicas internacionais, pelas políticas governamentais nacionais, regionais e mundiais. O desafio é manter o foco nas questões e necessidades locais, beneficiando-se de competências internacionais. Deve ser definida de acordo com o perfil das instituições e das necessidades das suas comunidades, com potencial para melhorar o ensino e a pesquisa localmente produzida de modo a fomentar o crescimento sustentável da região, em diálogo constante com o contexto global e valores compartilhados em projetos acadêmicos de temáticas transversais, multidisciplinares e interinstitucionais, a fim de estruturar uma rede territorial de cooperação acadêmica. É mais um instrumento para fomentar o diálogo entre atores da internacionalização acadêmica. Esta obra apresenta reflexões sobre as políticas de internacionalização das instituições de ensino superior no Brasil; foca na questão do pertencimento e da atuação em redes internacionais de pesquisa e de diálogo acadêmico; as políticas linguísticas em prol da internacionalização também são objeto de ampla reflexão, aliando-se a sugestões de boas práticas como duplas titulações e eficientes modelos de mobilidade baseados em simetria e reciprocidade. Apresenta discussões voltadas aos programas de cooperação acadêmica e às parcerias consolidadas entre universidades e órgãos internacionais. Boa Leitura!